

## Artigos

### Maternidade e Interseccionalidade a partir de Andrea O´Reilly: a relação entre o feminismo negro e matricêntrico

#### *Motherhood and intersectionality from Andrea O'Reilly: the relationship between black and matricentric feminism*

Nayara Augusto Felizardo <sup>1</sup>

Celso Jorge Martins <sup>2</sup>

Junior Cezar Nunes de Freitas <sup>3</sup>

Maria Silvinha Cararo Martins <sup>4</sup>

<sup>1</sup> Mestranda em História Política (UEM). Docente da UniBF e SEED/PR.

✉ [nayara.felizardo@escola.pr.gov.br](mailto:nayara.felizardo@escola.pr.gov.br)

<sup>2</sup> Mestre em Letras (UEM). Docente da UniBF.

✉ [celsojorgemartins@gmail.com](mailto:celsojorgemartins@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestre em Direito Processual e Cidadania (UNIPAR).

✉ [junior@unipar.br](mailto:junior@unipar.br)

<sup>4</sup> Mestre em Educação (UEM). Docente da UniBF.

✉ [silvinha.martins2@gmail.com](mailto:silvinha.martins2@gmail.com)

#### Palavras-chave:

Andrea O´Reilly;  
Maternidade;  
Maternidade Patriarcal;  
Afro-americanas;  
Feminismo negro.

#### Resumo

Diz um provérbio africano que é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança. Seu sentido nos remete a coletividade e permite a reflexão sobre como é o trabalho de cuidado dentro na maternidade negra. Por meio de um estudo bibliográfico no livro *Feminismo Matricêntrico, Teoria, Ativismo e Prática* (2016), da professora canadense Andrea O´Reilly, este estudo tem como objetivo trazer uma análise comparada da maternidade patriarcal que é – um conceito histórico combatido pelo Feminismo Matricêntrico – com a maternidade afro-americana, incluindo a historicidade de seu cotidiano social, político e cultural, a fim de refletir a importância da maternagem dentro do feminismo negro.

#### Key-Words:

Andrea O'Reilly;  
Motherhood;  
Patriarchal Motherhood;  
African-Americans;  
Black Feminism.

#### Abstract

An African proverb says that it takes a whole village to educate a child. Its meaning reminds us of collectivity and allows us to reflect on what care work is like in black maternity wards. Through a bibliographical study of the book *Matricentric Feminism, Theory, Activism and Practice* (2016), by Canadian professor Andrea O'Reilly, this study aims to provide a comparative analysis of patriarchal motherhood which it is - a historical concept opposed by Matricentric Feminism - with African American African-American motherhood, including the historicity of their daily social, political and cultural lives, in order to reflect on the importance of motherhood within black feminism.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao conceituar o feminismo específico para mulheres mães e intitulá-lo de Feminismo Matricêntrico, a professora canadense de estudos maternos Andrea O´Reilly, traçou um estudo denominado “arqueologia da maternidade” (2016, p. 64), escavando desde o ano 2000, por meio de pesquisa bibliográfica e entrevistas, o que são falácias e verdades dentro do universo habitado por mulheres mães, posteriormente transcritos em seu livro *Feminismo Matricêntrico, Teoria, Ativismo e Prática*, publicado em 2016. Nele, são apresentadas as compreensões de conceitos como trabalho materno, maternidade intensiva, plurais e maternagem, que são estudados por O´Reilly através de autoras como Adrienne Rich e Sharon Hays. Outros, são criados pela própria autora no interior de sua pesquisa, como maternidade patriarcal, maternidade feminista e empoderada e enfim o Feminismo Matricêntrico.

A interseccionalidade de raça e classe não ficou de fora da investigação da autora. A influência da maternidade africana na maternidade patriarcal são fundamentais para o entendimento do cotidiano das mulheres mães. Este trabalho, por meio do estudo bibliográfico com autores que estudam a maternidade, possui o objetivo de trazer uma análise sobre o papel da maternidade no feminismo negro, para que o maternalismo das mulheres afro-americanas contribua ao Feminismo Matricêntrico.

Neste presente estudo, após a parte introdutória, o conceito de maternidade patriarcal como um dos pilares a resistência do feminismo matricêntrico é apresentado em uma segunda seção, acompanhado em uma terceira pela apresentação do processo cultural da maternidade negra, seguida pelas considerações finais.

## 2 A MATERNIDADE PATRIARCAL E O FEMINISMO MATRICÊNTRICO

Traçando uma busca linear daquilo que denomina uma mulher mãe de boa ou má, o conceito histórico formado por vários tipos de maternagens<sup>1</sup> - pesquisado por Andrea O´Reilly - é chamado de maternidade patriarcal<sup>2</sup>, pois a coloca na história como opressora as mulheres e uma instituição que convém aos homens.

Analisando o período pós-Segunda Guerra Mundial, a autora percebe que em alguns momentos a maternidade foi custodial, em outros foi normativa, intensiva e caracterizada pelo novo momismo.

A primeira definição sobre a maternidade nesse período é chamada de normativa e observada a partir dos anos de 1960. Nela, as mães biológicas ficam em casa suprimindo todas as necessidades motoras, físicas e psicológicas de seus filhos e caso contrário são consideradas más ou foras da lei.

A autora ilustra a maternidade normativa dividindo-a em pressupostos, sendo eles: “essencialização, privatização, individualização, biologização, naturalização, idealização, especialização, normalização, intensificação e despolitização da maternidade” (O´Reilly, 2016, p.14, tradução nossa).

A essencialização coloca a maternidade como uma identidade estritamente feminina, a privatização coloca a maternidade obrigatória no âmbito do lar, a individualização a coloca na responsabilidade apenas da mulher mãe, a naturalização a obriga ser naturalmente para as mulheres devido ao instinto e habilidade feminina, a normalização limita a maternidade apenas para o núcleo familiar, em que a mulher assume o papel de nutridora e o homem de provedor, a especialização é a maternidade intensiva, na qual somente os especialistas podem orientar a mãe, a biologização é a maternidade que enfatiza os

---

<sup>1</sup> Ato de cuidar dos filhos (Felizardo, 2023, p.21)

<sup>2</sup> “Não basta reconhecer os pilares fortes da interseccionalidade - raça, classe e gênero - mas é preciso adicionar nesse panorama mais um fundamento: a maternidade patriarcal. Uma mulher é atravessada pela misoginia. Será certamente atravessada pelo racismo, se for preta ou parda. Pode ser atravessada pela pobreza, como, de fato, sofre muitos indivíduos no país. E, em qualquer desses casos, pode ser atravessada pela maternidade patriarcal.” (Felizardo, 2023, p.11)

laços sanguíneos, a idealização é estabelecer expectativas inatingíveis para as mães, e a despolitização coloca os filhos como apolítico, logo, sem importância social ou política.

Os estudos da professora Maria Collier de Mendonça (2014) sobre maternidade nas mídias, feitos através da observação de capas de revistas com imagens de mães e filhos e com anúncios de campanhas publicitárias de produtos para bebês no Brasil do Tempo Presente, mostram que O'Reilly esteve correta ao caracterizar os pressupostos da maternidade patriarcal, pois Mendonça conclui que as propagandas reforçam a relação de dependência entre mães e filhos já existentes na história, em que a autora denomina de "cultura da maternidade", fazendo muitas delas sofrerem por exemplo, por terem que trabalhar fora do lar após o término da licença-maternidade (Mendonça, 2014, p. 180).

Algumas imagens em revistas utilizadas para análises na pesquisa de doutorado de Mendonça (2014):

**Figura 1** - Página de publicidade da Revista Crescer publicada em maio de 2012.



Kuka  
(Crescer, maio, 2012)

**Fonte:** Mendonça, 2014, p.150, disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4644>. Acessado em 22/12/2023.

**Figura 2** - Página de publicidade da Revista Crescer publicada em maio de 2012.



Nuk  
(Crescer, maio, 2012)

Fonte: Mendonça, 2014, p.150, disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4644>. Acessado em 22/12/2023.

**Figura 3** - Página de publicidade da Revista Crescer e Revista Pais e Filhos publicadas em maio de 2008.



Natura Mamãe e Bebê  
(Crescer, novembro, 2008 e Pais e Filhos, dezembro, 2008)

Fonte: Mendonça, 2014, p.149, disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4644>. Acessado em 22/12/2023.

Ambas as imagens, de acordo com a análise de Mendonça, evocam carinho, segurança, conforto, felicidade e cuidado de mães para com filhos, mas, ao mesmo tempo “as figuras maternas além de fisicamente próximas, mostram-se totalmente disponíveis para cuidarem dos bebês” (Mendonça, 2014, p. 151).

A primeira imagem mostra uma publicidade da marca kuka com o título: “Amor de mãe é sinceridade, intensidade e emoção em todos os momentos” (Mendonça, 2014, p. 151). O amor maternal qualificado por intenso remete aos estudos de Sharon Hays (1998), que cria o conceito de maternidade intensiva utilizado por O’Reilly (2016) na construção da maternidade patriarcal.

Sharon Hays (1998), explica que a maternidade intensiva foi desenvolvida entre os anos de 1980 e 1990 e que perdura até os dias atuais, caracterizada pela grande quantidade de tempo exigido das mães na maternagem, pelo qual o trabalho fora do lar se torna secundário na vida das mulheres mães:

Afirmo, em contraste, que embora as origens da maternagem intensiva possam ser rastreadas até esta época, a maternidade intensiva, em sua forma totalmente desenvolvida, desenvolveu-se no final dos anos 1980 e início dos anos 1990. Hays argumenta que a maternagem intensiva é caracterizada por três temas: primeiro, “a mãe é o cuidador central”; segundo, “a maternidade é considerada mais importante do que o emprego remunerado”; e terceiro, “a maternidade exige escravizar copiosas quantidades de tempo, energia e recursos materiais da criança”. Eu sugeriria que, enquanto os dois primeiros caracterizam a maternidade do pós-guerra até os dias atuais, apenas a maternidade dos últimos trinta anos pode ser caracterizada pelo terceiro tema – a saber, as crianças requerem grandes quantidades de tempo, energia e recursos materiais. em casa em tempo integral com seus filhos; no entanto, tal demanda não exigia a intensa maternagem esperada das mães de hoje (O’Reilly, 2016, p. 46, tradução nossa).

Na segunda imagem, Mendonça (2014) analisa uma publicidade da marca Nuk que possui como frase de impacto: “Você me acordou de madrugada para mamar, meu presente do Dia das Mães adiantado” (Mendonça, 2014, p.156). A favor do incentivo a amamentação, a marca promete produtos que favoreçam o conforto para esse momento entre mãe e filhos.

Já a figura três, produtos da marca Natura da linha Mamãe Bebê são analisados e possui como título a frase: “Natura convida você a conhecer o que há de único nas diferentes histórias entre mães e bebês: o amor fundamental” (Mendonça, 2014, p.155). A propaganda traduz a ideia de que o amor fundamental ao humano é o materno, reforçando uma cultura instintiva e biológica presente nos pressupostos da maternidade normativa observada por O’Reilly.

O’Reilly (2016) vai um pouco além, observando mais especificamente que do ano de 1946 aos anos 1990 a maternidade era “custodial” (2016, p. 46), ou seja, além do tempo intensivo de cuidados aos filhos, era exigido tempo de qualidade com eles, o que significa que os filhos devem aprender algo com as mães durante o tempo que passam juntos.

De 1980 aos dias atuais, sobretudo após a segunda onda feminista, a autora encontra uma visão romantizada da maternidade e busca conceito de “novo momismo” em Susan Douglas e Meredith Michaels (2004), em que ambas afirmam que nesse período - mesmo com a maternidade e trabalho dentro do lar - o dinheiro, as ambições e sonhos pessoais poderiam ser conquistados pelas mulheres de forma tranquila, reforçando a essencialização, normatização e idealização da maternidade.

A segunda onda feminista representou uma suposta solução para o problema de gênero, sendo este um dos motivos pelos quais Andrea O’Reilly afirma que “a maternidade é o negócio inacabado do feminismo” (O’Reilly, 2016, p.2, tradução nossa).

Embora desdenhem o pós-feminismo, Douglas e Michaels também argumentam que “pós-feminismo significa que agora você pode trabalhar fora de casa mesmo em empregos antes restritos aos homens, ir para a pós-graduação, bombear ferro e bombear seu próprio gás, contanto que você é a principal consciente da moda, esbelta, carinhosa, respeitosa com os homens e se torna uma mãe amorosa e altruísta”. No entanto, em suas afirmações de agência e autonomia feminina, o “novo momismo” nega e distorce o fato de que a maioria das mães tem pouca ou nenhuma escolha na construção de suas vidas. O conceito de escolha, como tem mostrado a teoria feminista, é uma ficção neoliberal que serve para disfarçar e justificar as iniquidades sociais, particularmente as de gênero. Para mim, a parte mais preocupante do novo momismo é que a maternidade normativa é construída como escolha da mãe (O’Reilly, 2016, p. 60, tradução nossa).

A maternidade foi intitulada por Bety Friedan como “problema sem nome” (in O’Reilly, 2016, p.135). Enquanto O’Reilly, por meio de uma somatória de análises conceituais de momentos pós-Segunda Guerra, a denomina de maternidade patriarcal, significando que ela não é uma condição humana natural as mulheres, mas sim uma ideologia histórica opressora às mães:

A realidade da maternidade patriarcal, portanto, deve ser distinguida da possibilidade ou potencialidade da maternidade empoderada. “Destruir a instituição não é abolir a maternidade”, escreve Rich. “É liberar a criação e o sustento da vida no mesmo reino de decisão, luta, surpresa, imaginação e inteligência consciente, como qualquer trabalho difícil, mas livremente escolhido.” Em outras palavras, enquanto a maternidade opera como uma instituição patriarcal para constringer, regular e dominar as mulheres e sua maternidade, as próprias experiências maternas das mães podem, no entanto, ser um local de empoderamento. Por parte do que conhecemos como o ‘mainstream’ da história registrada”, escreve Rich, “a maternidade como instituição que degradou as potencialidades femininas (O’Reilly, 2016, p.14, tradução nossa).

“Como uma instituição patriarcal é socialmente construída, pode ser desafiada e mudada” (O’Reilly, 2016, p. 16, tradução nossa). Sendo assim, ao cunhar o Feminismo Matricêntrico, outros conceitos são englobados pela autora para combater a maternidade patriarcal, como a maternidade empoderada e a feminista<sup>3</sup>.

Da mesma forma, cada um está preocupado em explorar e abordar tanto os obstáculos quanto as possibilidades para a agência materna. E também trazer as mudanças necessárias na lei, nas políticas públicas, na educação, na família, na saúde, no local de trabalho e no trabalho materno, a fim de proporcionar autoridade plena e duradoura, respeito e empoderamento para as mães no século XXI.

Um ponto em que todos concordam é que o empoderamento materno é necessário para mães, famílias e sociedades mais saudáveis (O’Reilly, 2016, p. 150, tradução nossa).

A maternidade empoderada equivale ao ato de resistência das mulheres mães em desfavor da patriarcal. Já a maternidade feminista consiste em todo tipo de atitude das mães que a desafia.

Uma mãe empoderada possui, portanto, uma consciência feminista:

A maternidade empoderada torna a maternidade mais recompensadora, gratificante e satisfatória para as mulheres, afirmando a agência materna, autoridade, autonomia, autenticidade e ativismo, e abrindo novas práticas e identidades maternas. Tal maternagem permite à mulher uma individualidade fora da maternidade e confere seu poder dentro da maternidade. Embora seja evidente que a maternidade empoderada é melhor para as mães, deve-se notar também que essa maternidade também é melhor para as crianças. Mães que estão satisfeitas e realizadas com suas vidas são mães melhores, assim como crianças criadas por mães deprimidas correm risco. Quero sugerir que mães empoderadas são mães mais eficazes (O’Reilly, 2016, p. 90, tradução nossa).

Diante dos expostos e por meio dos estudos sobre a maternidade africana e afro-americana, pode-se afirmar que a cultura do maternalismo das mulheres étnicas racializadas faz parte do feminismo matricêntrico pois tem como característica o empoderamento das mães como fator intrínseco, sendo este também um dos pressupostos do feminismo negro. É necessário assim, analisar se a maternidade patriarcal faz parte dessa cultura das mães negras.

## **2.1 Maternidade negra: uma cultura de resistência**

Patrícia Hill Collins, Miriam Jhonson e bell hooks foram as referências bibliográficas de Andrea O’Reilly (2016) frente a uma construção histórica das mulheres negras na África Ocidental pré-colonial, diante do legado cultural para as mães afro-americanas do período pós-escravização.

---

<sup>3</sup> A maternidade feminista pode se referir a qualquer prática de maternidade que busque desafiar e mudar vários aspectos da maternidade patriarcal que fazem com que a maternidade seja limitante ou opressiva para as mulheres (O’Reilly, 2016, p.155, tradução nossa).

O estudo da autora propõe um debate sobre a resistência da maternidade afro-americana diante da maternidade patriarcal, o que incluiu um processo de rearticulação e entendimento da cultura matriarcal africana, que também é uma das bases do pensamento feminista negro.

O primeiro fato relevante é das africanas viverem em uma cultura matrifocal, ou seja, as mulheres na África se definem mais como mães do que como esposas, o que levanta o pressuposto de possuírem grande importância na estrutura central das famílias, ao menos diante de seus filhos, nas tomadas de decisões, nas responsabilidades econômicas, morais e culturais.

Para Jhonson, (1998, p.226) dentro da matrifocalidade, o patriarcado está presente na figura da esposa e não da mulher mãe.

A maternidade patriarcal é validada pelo modelo ideal de maternagem e feminilidade, contrário do que as mães negras propuseram. Andrea cita Collins:

Mães negras há muito tempo integram suas atividades como provedoras econômicas em seus relacionamentos maternos. Em contraste com o culto da verdadeira feminilidade, em que o trabalho é definido como oposto e incompatível com a maternidade, o trabalho para mulheres negras tem sido uma dimensão importante e valorizada das definições afrocêntricas da maternidade negra (O´Reilly, 2016, p.40, tradução nossa).

Jhonson (1998, p. 184), sustenta esse pensamento a partir da afirmação de que mulheres aprendem a ser esposas submissas doravante a relação com seus pais. Eles ensinam suas filhas serem secundárias diante de seus futuros maridos, pois ao tratarem como princesas no dia a dia, as recompensam por tudo somente quando elas os obedecem, tornando-as assim mulheres definidas e orientadas por homens. A autora denomina essa relação de “incesto psicológico” (Jhonson, 1998, p.173), assegurando que elas olham a figura da mãe como uma salvadora dessa realidade inferiorizada.

Sendo assim, não existe uma ausência de homens nas sociedades matrifocais, mas uma perspectiva de direitos e deveres nas mulheres que estão além do suposto lado instintivo de serem mães, pelo qual o trabalho delas se torna a base econômica do sustento de seus filhos tornando a própria maternagem e a função de esposa secundárias em suas vidas.

O´Reilly aponta a maternidade na cultura africana como um momento divisório entre ser filha e assim cultivar a valorização da feminilidade ou convencionalismo e por outro lado ser mãe, assumindo um papel economicamente produtivo e a partir de Joyce Ladner ela diz:

Se havia um padrão comum para se tornar uma mulher que era aceito pela maioria das pessoas da comunidade, era o momento em que as meninas deram à luz seu primeiro filho. Essa linha de demarcação era extremamente clara e separava as meninas das mulheres (O´Reilly, 2016, p.40, tradução nossa).

Refletindo as autoras alguns questionamentos podem ser levantados: Como as mães se ocupam da maternagem ao mesmo tempo que são responsáveis pelo sustento de seus filhos? Caso contrário, quem se ocupa dos cuidados dos filhos enquanto elas trabalham fora de casa? O´Reilly traz as respostas com o estudo da autora Stanlie James, que define os termos Othermothering e Community Mothering:

Stanlie James define “othermothering” como “aceitação da responsabilidade por uma criança que não é sua, em um acordo que pode ou não ser formal.” Outras mães geralmente cuidam das crianças, enquanto as “mães da comunidade”, como explica Njoki Nathani Wane, “cuidam da comunidade [por] mulheres [que] normalmente já passaram da idade fértil”. O papel das mães da comunidade, como observa Arlene Edwards, “muitas vezes evoluiu de ser outras mães”. James argumenta que othermothering e maternidade comunitária se desenvolveram a partir, nas palavras de Arlene Edwards, práticas da África Ocidental de estilos de vida comunitários e interdependência das comunidades (O´Reilly, 2016, p.83, tradução nossa).

Sendo assim, as pesquisas demonstram que na África Ocidental, o vínculo entre mãe e filho é valorizado, pois a figura materna é sinônimo de sustento e empoderamento. Enquanto os cuidados das crianças são de responsabilidade coletiva por meio da maternagem centrada em mulheres mais velhas, tornando todas elas centrais para o desenvolvimento das famílias. Essa cultura reflete na maternidade afro-americana, primeiramente, nas mulheres escravizadas e posteriormente, no que O´Reilly denomina de maternidade étnica racial.

Nesse sentido, Patrícia Hill Collins (apud O´Reilly, 2016, p. 76), explica que para as mulheres africanas a maternidade não é um problema como para as mulheres brancas em relação ao trabalho de cuidado. Ao observar a maternidade afro-americana, Collins traz o racismo, a falta de estudos e de empregos, inicialmente, como grandes problemas para as mulheres negras, maior do que a maternidade em si, justamente pela cultura matrifocal vinda de seus antepassados africanos. Sem contar que “sobreviver em um mundo racista; dar a essas crianças sua história e identidade racial-cultural; e praticar o ativismo social e a maternidade comunitária em prol de todas as crianças da comunidade” (O´Reilly, 2016, p. 80, tradução nossa), era o foco das mulheres mães afro-americanas.

A maternidade se tornou uma das bases do feminismo negro, a princípio, a partir do momento em que sua presença na educação de seus filhos foi um motivo para luta e resistência, pois, enquanto as mães brancas se preocupavam em passar maior quantia de tempo próximas aos seus filhos para resgatar o máximo de feminilidade possível, as afro-americanas precisavam nutrir e preservar os seus, diferenciando-as da maternidade americana que era considerada a cultura dominante:

Collins identifica as metas das mães “raciais étnicas” como as seguintes: manter os filhos nascidos de você; apoiar a sobrevivência física dessas crianças; ensinar a resistência infantil e como sobreviver em um mundo racista; dar a essas crianças sua história e identidade racial-cultural; e praticar o ativismo social e a maternidade comunitária em prol de todas as crianças da comunidade. A escrita feminista branca tradicionalmente se preocupou com a perda da identidade feminina na maternidade e argumentou que somente garantindo um tempo longe dos filhos e criando uma vida fora da maternidade, as mulheres serão capazes de manter uma identidade autônoma separada da mãe. Contra o que as mães étnicas raciais lutam, em contraste, não é muito tempo com seus filhos, mas muito pouco (O´Reilly, 2016, p.80, tradução nossa).

A maternidade negra é essencial as crianças afro-americanas. De acordo com Sara Rudick (2009, p.80) o fato de as mães afro-americanas considerar a sobrevivência e nutrição dos filhos essencial é chamado “amor preservador”, no qual, por meio do trabalho fora e dentro do lar – este último intitulado como trabalho de cuidado - elas garantem abrigo e comida em lugares vulneráveis preservando a vida das crianças de etnia racial “desprezadas há muito tempo, logo, ser mãe para muitas mulheres negras, principalmente entre as pobres, é garantir a sobrevivência física de seus filhos e da comunidade negra em geral” (O´Reilly, 2016, p. 80, tradução nossa).

Assim, a maternidade afro-americana não é considerada patriarcal. “Em contraste, o trabalho materno confere autoridade e centralidade às mães afro-americanas; as mulheres nesta cultura são empoderadas precisamente porque são mães” (O´Reilly, 2016, p.8, tradução nossa), logo, a reafirmação das crenças culturais da maternidade negra e sua rearticulação em um ambiente racista rumo a um lar seguro é um ato de resistência:

Em uma cultura racista que considera as crianças negras inferiores, indignas e não amáveis, dar amor materno às crianças negras é um ato de resistência; ao amar seus filhos, a mãe instila neles um senso de amor próprio e uma autoestima elevada, o que lhes permite desafiar e subverter discursos racistas que naturalizam a inferioridade racial e mercantilizam o negro como “outro” e objeto. Os afro-americanos, enfatiza hooks, “há muito tempo reconhecem o valor subversivo do lar e o lar sempre foi central para a luta de libertação” (O´Reilly, 2016, p. 90, tradução nossa).

A resistência da maternidade negra reflete na afro-americana para além da nutrição e sobrevivência das crianças. A prática da maternidade comunitária foi essencial para as mães negras americanas como um

ativismo social. Segundo bell hooks, nem sempre as mães afro-americanas podiam contar com creches, avós e bisavós para cuidarem de seus filhos, mas obtinham ajuda de vizinhas ou outras mulheres próximas das comunidades que asseguravam a responsabilidade do trabalho de cuidado, garantindo as crianças a identidade étnica e emocional africana, endossando a importância da coletividade para sobrevivência afro-americana.

Para Carol Stack (1974, apud O'Reilly), a presença da maternidade no feminismo negro, através dessa rede de apoio - ou *community mothering* - foi uma estratégia de sobrevivência crucial, sendo também um mecanismo de sustentação cultural e de empoderamento diante do divórcio, da violência doméstica e de futuros casamentos que colocassem em risco a autoridade familiar das mulheres:

Famílias negras em The Flats [área não revelada do centro da cidade nos EUA] e os não parentes que eles consideram parentes, escreve Stack em sua conclusão, evoluíram padrões de co-residência, redes de troca baseadas em parentesco ligando múltiplas unidades familiares elásticas, vínculos vitalícios com famílias de três gerações, controles sociais contra a formação de casamentos que poderiam pôr em perigo a rede de parentesco, a autoridade doméstica das mulheres e limitações no papel do marido ou amigo masculino dentro da rede de parentesco de uma mulher (O'Reilly, 2016, p.87, tradução nossa).

Enquanto o feminismo branco lutava pela conquista do espaço público e pelo trabalho fora do lar, as mulheres negras já trabalhavam. Mesmo sendo em profissões desvalorizadas, para sustentar seus filhos, contavam com a ajuda da prática da *othermothering* ou da *community mothering*, que, segundo Stanlie James foi “como um importante elo feminista negro para o desenvolvimento de novos modelos de transformação social” (James, 1999, p. 45).

“Mais do que um ato pessoal, a maternidade negra é muito política”, descreve

Jesse Bernardo (1983, p. 47), ao considerar que a educação, o amor condicional, a socialização dos valores de coletividade e sobretudo o reconhecimento da importância de ter um lar, eram conquistas provindas do ato de ser mães.

Sendo assim, pode-se considerar que o maternalismo das mulheres mães étnicas racializadas influencia o feminismo negro de forma direta, onde a coletividade do trabalho materno faziam as mães se sentirem empoderadas e aptas a lutar a favor de suas emancipações e visibilidades, bem como, contra as condições de subordinadas da sociedade.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O feminismo matricêntrico acolhe o feminismo negro no que tange a maternidade, pois, enquanto o primeiro possui a luta da mulher mãe como centro, o segundo tem a maternagem coletiva como incentivadora para a resistência interseccional.

Através dos estudos apresentados pelo livro *Feminismo Matricêntrico, Teoria, Ativismo e Prática* da professora canadense de estudos maternos Andrea O'Reilly, publicado em 2016, este trabalho propôs a análise da presença da maternidade em um contexto histórico de motivações das mulheres afro-americanas para pensarem um feminismo negro vindo do empoderamento extraído do trabalho fora do lar e do trabalho de cuidado com seus filhos, feito pela rede de apoio de avós, bisavós e vizinhas, concluindo que a cultura herdada do maternalismo negro não faz parte da maternidade patriarcal para as mães negras, pois a conciliação do trabalho exterior ao lar com o tempo de amor aos filhos no interior dele, é uma forma de resistência para a sobrevivência das mães e crianças em um ambiente racista e machista.

### 4 REFERÊNCIAS

- BERNARDO, Jesse. **"Letter to Your Daughter."** *Between Ourselves: Letters between Mothers and Daughters*, edited by Karen Payne, Houghton Mifflin Company, 1983.
- COLLINS, Patrícia Hill. **The Meaning of Motherhood in Black Culture and Black Mother-Daughter Relationships.** *Double Point: Black Women Write About Mothers and Daughters.* New York: Harper Perennial, 1993.
- DOUGLAS, Susan; MEREDITH, Michaels. **The Mommy Myth: The Idealization of Motherhood and How It Has Harmed Women.** Free Press, 2004.
- FELIZARDO, Nayara Augusto. **Feminismo Matricêntrico no Brasil do Tempo Presente.** São Paulo: Editora Becalete, 2023.
- FRIEDAN, Betty. **The Feminine Mystique.** Dell, 1974.
- HOOKS, Bell. **Feminism Is for Everybody: Passionate Politics.** Southern Press, 2000.
- JAMES, Stanlie Myrise. *Motherhood: A Possible Black Feminist Link to Social Transformation.* In: JAMES, Stanlie Myrise; BUSIA, Abena. **Theorizing Black Feminism: Black Women's Visionary Pragmatism.** 1999.
- JHONSON, Miriam. **Strong Mothers, Weak Wives: The Quest for Gender Equality.** University of California Press, 1988.
- MENDONÇA, Maria. **A maternidade na publicidade: uma análise qualitativa e semiótica em São Paulo e Toronto.** São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4644>. Acesso em: 22 dez. 2023
- O'REILLY, Andrea. **Matricentric feminism: theory, activism and practice.** Canada: Demeter Publishing, 2016.
- RUDDICK, Sara. **Maternal Thinking: Toward a Politics of Peace.** Beacon Publishing, 1989.
- STACK, Carol. **All Our Relatives: Strategies for Survival in a Black Community.** Harper & Row, 1974.